

**I Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades**  
**26 a 29 de Junho de 2012- Universidade Federal do Espírito Santo**  
**(GT: Africanidades e Brasilidades em Literaturas).**

Celebração cabo-verdiana e brasileira: O poema *Você, Brasil*, de  
Jorge Barbosa (1902-1971).

Denise Rocha <sup>1</sup>

RESUMO: Alguns autores da geração da *Semana de Arte Moderna*, realizada em São Paulo (1922), bem como outros, que escreveram sobre o realismo do nordeste brasileiro, na década de 1930, influenciaram os fundadores da moderna literatura cabo-verdiana: Baltazar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes. Para consolidar a identidade cultural das dez ilhas do arquipélago de Cabo Verde, eles lançaram *Clairidade*- Revista de Letras e de Artes (1936). Com uma mirada afetiva transatlântica, Jorge Barbosa (1902- 1970) dedicou alguns de seus poemas ao Brasil e a Manuel Bandeira. Em *Você, Brasil*, ofertado ao poeta brasileiro Ribeiro Couto, Barbosa celebra o vínculo de fraternidade existente entre Cabo Verde e o Brasil, unidos pela geografia, pelo passado colonial, pela língua, e pela diáspora negra.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Cabo-verdiana; Jorge Barbosa; Brasil; fraternidade.

### INTRODUÇÃO

Em 1951 e 1952, Gilberto Freyre a convite de António Salazar percorreu as colônias africanas e escreveu *Aventura e rotina* (1953), no qual ele teceu os seguintes comentários a respeito das relações entre o Brasil e Cabo Verde:

Cabo Verde está literariamente mais preso ao Brasil que a Portugal. Também a sua música e as suas danças populares recebem constante influência do Brasil... Supondo, como supõe o cabo-verdiano, ser o Brasil tão negróide quanto Cabo Verde, todo triunfo brasileiro repercute aqui como um triunfo da gente mais fraterna que a de Cabo Verde tem no mundo. Todo triunfo brasileiro não só nos esportes como na música, nas ciências, nas artes plásticas, nas letras, é considerado em Cabo Verde um triunfo ou uma vitória de que o cabo-verdiano tem mais direito de participar do que ninguém, entre os povos de língua portuguesa. Mais de um cabo-verdiano foi o que me disse com a maior clareza: que se sentia mais brasileiro do que português da Europa. Que Cabo Verde devia ser província do Brasil. E não há cabo-verdiano que não sonhe em ir para o Brasil. (FREYRE, 1953, p. 299).

---

<sup>1</sup> Dra. em Literatura e Vida Social, UNESP- Assis. rocha.denise57@gmail.com

Gilberto Freyre observou o profundo amor que os cabo-verdianos devotavam à terra brasileira, sua gente, sua música, sua cultura, e sua língua portuguesa abasileirada: Um sentimento que cristalizava uma forma de repúdio à ligação com Portugal colonizador, e de um desejo latente de emigração para o Brasil.

Nessa viagem ao arquipélago de Cabo Verde (outubro de 1951), em São Vicente, Freyre conheceu Jorge Barbosa, sobre o qual escreveu as impressões:

Convoco-o [o colega, citado apenas como o judeu] para mais de um uísque numa espécie de ex-shipchandler onde encontro gente diversa. E onde a conversa é livre. O poeta Jorge Barbosa, já o conheço desde o dia da minha chegada a São Vicente: ele precisa de ir ao Brasil, onde está agora o Professor Baltasar Lopes, autor de boas páginas de ficção que me lembram as do admirável mineiro que é Ciro dos Anjos. Jorge Barbosa sonha acordado com o Brasil. (FREYRE, 1953, p. 298).

Nessa escrita afetiva sobre o contato com Jorge, na qual informa a respeito do diálogo brasileiro-cabo-verdiano, evidenciado na presença do prosador e poeta Baltazar Lopes, em visita ao Brasil, cuja obra, em parte, tinha influência de Ciro dos Anjos, Freyre comenta: “Jorge Barbosa sonha acordado com o Brasil”. Depois desse breve encontro, Barbosa publicou em *Caderno de um Ilhéu* (1956), agraciado com o Prémio Camilo Pessanha da Agência- Geral do Ultramar, os poemas: *Carta para o Brasil*, *Carta para Manuel Bandeira* e *Você, Brasil*. Esse último foi dedicado ao brasileiro Ribeiro Couto, escritor e funcionário da embaixada brasileira em países europeus (1930 e 1940), que foi o grande divulgador da literatura brasileira aos escritores de Cabo-Verde.

### **1- A revista *Claridade* (1936-1960)**

A tradição literária cabo-verdiana remonta ao final do século XIX: a publicação de *O escravo* (1856), de autoria de José Evaristo d’Almeida, considerado o primeiro romance cabo-verdiano; e o surgimento do *Almanaque Luso-Africano*, no qual apareceram poesias, lendas, anedotas, historietas, e letras de canções. (FERREIRA, 1973, p. 110 e 111).

No ano de 1910, ocorreu a publicação de *Canções crioulas e músicas populares de Cabo Verde* por José Bernardo Alfama. Nota-se a preocupação dessa geração em fazer jus ao crioulo existente nas ilhas, como expressão

genuína de um idioma de raiz lusa com essência local. Nos primeiros números da revista *Claridade* (1936) alguns dos textos divulgados no crioulo nativo.

Em dezembro de 1935, Jorge Barbosa publicou sua primeira obra, *Arquipélago*, que “rompia a tradicional dependência dos modelos metropolitanos e tornava-se pioneira da moderna poesia cabo-verdiana” (FERREIRA, 1989, p. 89).

A pesquisadora Elsa Rodrigues dos Santos, em *As Máscaras poéticas de Jorge Barbosa e a mundividência cabo-verdiana* (1989), escreveu:

Arquipélago, o primeiro livro de Jorge Barbosa, constitui um marco na literatura cabo-verdiana, pois é a partir dela que se pode falar de caboverdianidade, isto é, da consciencialização das realidades étnico-sociais e culturais da terra cabo-verdiana, dando lugar a uma literatura que rompe com os moldes europeus, especialmente portugueses. (SANTOS, 1989, p. 40).

Três meses depois da publicação de *Arquipélago*, Jorge Barbosa, em união com Manuel Lopes e Baltazar Lopes (Osvaldo Alcântara, seu pseudônimo como poeta), que eram leitores de alguns escritores participantes da paulistana *Semana de Arte Moderna* (1922), e do realismo nordestino na década de 1930, iniciaram um processo de fundação da moderna literatura cabo-verdiana, com o lançamento da *Claridade- Revista de Letras e de Artes* (1936), que tinha como objetivo a criação da "cabo-verdianidade" (nova identidade), com ênfase regional, por meio da análise das condições socioeconômicas e políticas locais, e publicação de três textos poéticos da tradição oral em língua crioula - "lantuna & 2 motivos de finaçom (batuques da ilha de Sant'ago)", entre outros.

Publicada em Mindelo, Ilha de São Vicente, em março de 1936, *Claridade* trouxe à luz poemas, contos, novelas, excertos do romance *Chiquinho*, de Baltazar Lopes, bem como artigos de etnografia e de tema social: *Tomadas de vista*, de Manuel Lopes e *Estudos sobre o crioulo*, de Baltazar Lopes. Os três primeiros números saíram em 1936 e 1937, e os demais seis, nos anos 1947 a 1960. Ela foi considerada: “uma revista extraordinariamente moderna para o seu tempo, antecipadora de tendências e movimentos que só muito mais tarde se revelarão em outras literaturas africanas de língua portuguesa”. (OLIVEIRA, 2012, nota 1, p. 85). Para a docente Simone Caputo Gomes (USP):

Ao assumir a afinidade com o Brasil e sua cultura mestiça e autônoma, os escritores claridosos – em processo de emergência da consciência cultural e nacional, como os irmãos africanos de Angola, Moçambique, São Tomé e Guiné Bissau – evidenciaram a determinação em refletir-se

em (e por meio de) outros espelhos, mais próximos porque detentores de um itinerário histórico igualmente colonizado. (Gomes, 2008, p. 112)

Mediador cultural entre escritores cabo-verdianos e brasileiros, nos anos 1930 e 1940, Ribeiro Couto escreveu uma carta ao escritor Manuel, em setembro de 1936 a respeito do recebimento dos dois primeiros exemplares da revista:

Sr. Manuel Lopes,  
 Creio que é ao Osório de Oliveira que devo a remessa, que me foi feita do 1.º e agora do 2.º número de “Claridade”. Isto é, devo-a ao senhor [Manuel Lopes], mas por indicação do Osório. [...] acompanho com o máximo interesse o enriquecimento literário e o “caso” histórico-social de Cabo Verde... Vejo com grande alegria que os seus poemas, como os de Jorge Barbosa e os de Osvaldo Alcântara [Baltasar Lopes], apresentam as mais íntimas afinidades com a poesia brasileira do chamado “Movimento moderno”, cujos livros, pelo menos nos extratos publicados na imprensa, devem conhecer. Oportunamente, e sobretudo quando reúna documentação maior, hei-de-me referir, em artigo ou em livro, a esse fenómeno de fraternidade, a tão grande distância. Salta aos olhos que a literatura do grupo de “Claridade” está mais perto do Brasil do que de Portugal. (COUTO apud SANTOS, 1989, p. 207-208).

Couto enfatiza a “fraternidade” existente entre Cabo Verde e o Brasil, “as mais íntimas afinidades com a poesia brasileira do chamado “Movimento moderno””, e aquelas escritas pelos poetas Jorge Barbosa e Osvaldo Alcântara.

Nessa carta de Ribeiro Couto, enviada de Haia (Holanda) a Manuel Lopes, o autor atribui o envio dos dois números da revista *Claridade* a José Osório de Oliveira, poeta e crítico português, que divulgou, nos anos 1930, a literatura cabo-verdiana na Europa e no Brasil. Em artigo publicado em *Claridade*, na edição de março de 1936, José Osório, que esteve em São Vicente (1927), afirmou que:

Os caboverdeanos precisavam dum exemplo que a literatura de Portugal não lhes podia dar, mas que o Brasil lhes forneceu. As afinidades existentes entre Cabo Verde e os estados do Nordeste do Brasil predispunham os caboverdeanos para compreender, sentir e amar a nova literatura Brasileira. Encontrando exemplos a seguir na poesia e nos romances modernos do Brasil, sentindo-se apoiados na análise do seu caso, pelos novos ensaístas Brasileiros, os caboverdeanos descobriam o seu caminho. (OSORIO (1936) apud OLIVEIRA, 2010, p. 4).

O artigo *Uma experiência românica nos trópicos*, de Baltazar Lopes, publicado na revista *Claridade* (janeiro 1947), e iniciado com uma saudação ao “eminente sociólogo brasileiro Gilberto Freyre”, aborda a expansão da língua

portuguesa no mundo colonial luso. Para Lopes, a falada em Cabo Verde era um dialeto do português, com características africanas, principalmente:

[...] na ilha de S. Tiago, com as suas manifestações culturais típicas – o batuque (de origem jalofa, segundo Marcelino Marques de Barros), a tabanca, o cimbó, a magia negra, o tamborona, o folclore novelístico, o seu catolicismo especial, a maior ocorrência de vocábulos de origem africana – ainda se encontra na fase da adaptação, de que, aliás, pelas informações que tenho, certas zonas da ilha se vão afastando, em direcção à aceitação. (LOPES (1947) apud CLARIDADE *fac-símile*, 1982, p. 19).

Para Baltazar Lopes, o processo de aculturação ocorrido, em Cabo Verde, provocou seu maior afastamento, cultural e linguístico, em relação ao restante da África. A respeito do negro do Brasil, ele constatou, que o mesmo estava mais distante da “aceitação”, embora tivesse maior proximidade ao aspecto linguístico:

É curioso verificar que o afro-brasileiro, que, de um modo geral, se apresenta ainda, quanto ao seu comportamento, na fase da adaptação, isto é, mais afastado do que o caboverdiano da meta do processo aculturativo, que é a aceitação, está todavia muito mais perto linguisticamente do que este. (LOPES (1947) apud CLARIDADE *fac-símile*, 1982, p. 19).

## **2- Jorge Barbosa e o amor pelo Brasil.**

A obra poética de Jorge Barbosa, publicada em vida, foi *Arquipélago* (1935), *Ambiente* (1941) e *Caderno de um ilhéu* (1956), pelo qual foi agraciado com o Prêmio Camilo Pessanha, bem como dois contos de sua autoria que surgiram na *Antologia da ficção cabo-verdiana contemporânea*. (LOPES, 1960, p. 277). Jorge Barbosa ordenou seus poemas inéditos em três obras - *Expectativa*, *Romanceiro dos pescadores* e *Outros poemas* -, as quais foram publicadas, em 1993, por Elsa Rodrigues dos Santos, com o título de *Poesias inéditas e dispersas*. Essa mesma pesquisadora organizou, juntamente com Arnaldo França, a obra completa dele: *Obra poética do autor caboverdiano* (2002). Para Wellington R. Guimarães:

a poesia de Jorge Barbosa tem por base as realidades étnico-sociais e culturais de Cabo Verde, como o mar, as rochas, a luta do cabo-verdiano contra as adversidades climáticas e geográficas do arquipélago e contra as crises políticas e sociais. As temáticas da emigração e da evasão também são muito focadas e desenvolvidas. Todas estas questões constituem a “insularidade” temática da poesia de Jorge Barbosa. (GUIMARÃES, 2010, p.11).

Leitor da poesia de Manuel Bandeira, de Jorge de Lima, de Mário de Andrade e de Ribeiro Couto, bem como da narrativa de Jorge Amado e de Rachel de Queirós, entre outros, o cabo-verdiano evoca em parte de sua obra temas por eles abordados. No poema ***Carta para Manuel Bandeira*** (em diálogo com o poema *Estrela da Manhã*), que foi publicado, originalmente, na revista *Claridade*, número 4, janeiro de 1947, Jorge Barbosa reflete a sua simpatia pelo poeta brasileiro de *Vou-me embora pra Pasárgada*.

Esse sentimento estendido à terra, à gente e à literatura brasileira cristalizou-se em poemas: ***Carta para o Brasil, Você, Brasil, e Palavra Profundamente*** (referências aos poemas *Sonho de uma Terça-Feira Gorda* (Carnaval); *Profundamente*, *Palinódia* e *Vou-me embora pra Pasárgada* (Libertinagem); e *A Mário de Andrade Ausente*, de *Belo Belo*).

Poema com liberdade rítmica e estrutural, com oito estrofes, publicado em *Caderno de um ilhéu* (1956), ***Você, Brasil*** foi escrito depois do encontro de Barbosa e Gilberto Freyre (1951). O poeta atua como um etnólogo, que faz um estudo comparativo entre duas culturas, a brasileira e a cabo-verdiana, em tom de lirismo intimista e confidencial.

O próprio título indica o amor pelo país sul americano, que é comprovado pelo convite ao leitor e à leitora a fazerem parte de uma viagem transcendental e mítica ao Brasil, por meio de um percurso cultural e literário, através de algumas regiões brasileiras que foram temas de escritores modernistas. O sujeito lírico evoca a terra e a gente brasileira, sua cultura material e espiritual, ao percorrer o roteiro imaginário de sua poética, iniciado no Rio de Janeiro (Manuel Bandeira), através de São Paulo (a capital de Mário de Andrade e o interior de Ribeiro Couto), Pernambuco (Manuel Bandeira e José Lins do Rego) até a Bahia de Todos-os-Santos (Jorge Amado) e ao Ceará (Rachel de Queirós).

Em sua carta geográfica sentimental, que atua como uma narrativa sobre as similitudes entre o Brasil e Cabo Verde, unidos pela estrada líquida atlântica e pela diáspora humana (gente e hibridização da língua portuguesa e do catolicismo), o poeta declama seus sentimentos, falando de si próprio ("Eu gosto de Você, Brasil"), e de seu povo ("Nós também"), ao elencar elementos identitários cabo-verdianos, como a bebida, os violeiros, e o café.

O eu-lírico inicia o poema com uma declaração de deslumbramento, de ternura e de fascínio pela gigantesca terra sul americana, localizada na outra margem do oceano: “Eu gosto de Você, Brasil,/ porque Você é parecido com a minha terra./ Eu bem sei que Você é um mundão/ e que a minha terra são/ dez ilhas perdidas no Atlântico,/ sem nenhuma importância no mapa...”. Seu olhar subjetivo sobre a cartografia dos territórios localizados ao sul, de diferentes dimensões geográficas e estratégicas, reflete seu âmago insular repleto de solidariedade pelo “mundão”, como sinal de igualdade de condição, apesar das oposições, unidas pelo passado colonial.

O poeta conhece, por meio de narrativas orais e escritas, “a maravilha do Rio de Janeiro, São Paulo dinâmico,/ Pernambuco, Bahia de Todos-os-Santos.”, e constata a enormidade delas, enquanto que confessa que as *urbes* de sua terra são “três pequenas cidades”. Apesar disso, ele diz que o Brasil é parecido com a sua terra, bem como seus moradores: “seu povo que se parece com o meu,/ que todos eles vieram de escravos/ com o cruzamento depois de lusitanos e estrangeiros”. A referência à multiétnica e à multiculturalidade, existentes nas sociedades brasileiras e cabo-verdianas, e oriundas das mesclas afro-europeias, formaram um novo povo, que se confraterniza por meio da música e das danças, entre outros aspectos, e se celebra na literatura de Jorge Barbosa. O ilhéu e o continental sul americano não reverenciam a matriz luso-cristã, mas sim, o resultado harmônico e dialogante de povos levados pelas correntes oceânicas, que apesar dos grilhões, conseguiram transmitir sua cultura para as sucessivas gerações, transformando-a em patrimônio nacional do Brasil e de Cabo Verde.

A língua portuguesa, idioma do colonizador, se integrou a todas as formas de expressão linguística e cultural das diferentes etnias levadas para o arquipélago e para o Brasil, via Guiné, e criou uma maneira específica de comunicação: “E o seu falar português que se parece com o nosso falar”, O português falado na sociedade brasileira assemelha-se àquele existente na cabo-verdiana: “ambos cheiros de um sotaque vagaroso,/ de sílabas pisadas na ponta da língua,/ de alongamentos timbrados nos lábios/ e de expressões terníssimas e desconcertantes”. Portanto, o povo mestiço, de diferentes linhagens, estirpes e procedências do continente africano, conseguiu marcar uma genealogia comum por meio de um idioma oficial, o português, que, na atualidade, apresenta

especificidades em sua sintaxe e léxico, que refletem as culturas de origens dos falantes no início do processo colonial, com marcas de pronúncia e de oralidade que lhes confere peculiaridades de raiz afro.

A irmandade entre brasileiros e cabo-verdianos espelha a “alma da nossa gente humilde [...] A alma da sua gente simples”. Para o poeta, os dois povos irmãos têm um maneira simples de ser, natural, ingênua, que os aproxima, também, em suas formas de vivência espiritual, com o espírito humano, mesclado com manifestações afro-católicas, plenas de superstições, de acordo com a cosmovisão ocidental: “Ambas cristãs e supersticiosas,/ sortindo ainda saudades antigas/ dos sertões africanos, compreendendo uma poesia natural,/ que ninguém lhes disse,/ e sabendo uma filosofia sem erudição,/ que ninguém lhes ensinou”. O eu-lírico evoca tempos imemoriais, de povos reunidos para ouvir narrativas tradicionais orais, que traduziam conhecimentos e aptidões inatas, diferenciadas daquelas estruturas e temáticas estabelecidas pelos cânones ocidentais, mas com essência semelhante. As rodas socioliterárias dos “sertões africanos” foram perpetuadas no continente de origem e no da diáspora negra, e por isso, são celebradas pelo poeta, e transmitidas como padrões imutáveis de sabedoria anciã de gênese popular. A filosofia de origem étnico-tribal reflete o conhecimento, a explicação, a reflexão e o aprofundamento de grupo de pessoas que estudavam os fatos e suas causas, e os transmitiam ao seu povo, em forma de legado eterno, que foi levado por aqueles emigrantes do êxodo involuntário. A constatação sobre a existência da riqueza filosófica e poética de etnias africanas difere daquela ausência promulgada pelos colonizadores em sua cruzada civilizatória em prol dos povos considerados inferiores.

O conhecimento a respeito dos vínculos culturais e religiosos entre o Brasil e Cabo Verde é ampliado com a revelação do poeta sobre o entusiasmo seu e o de sua gente pela música e dança brasileiras de matriz africana:

E gosto dos seus sambas, Brasil, das suas batucadas.  
dos seus cateretês, das suas todas de negros,  
caiu também no gosto da gente de cá,  
que os canta dança e sente,  
com o mesmo entusiasmo  
e com o mesmo desalinho também... (BARBOSA, *on-line*, s.d.).

Os ritmos e a forma espontânea das danças do Brasil, que assemelham aqueles ouvidos e bailados no arquipélago emocionam o poeta que se recorda



também das analogias existentes nas mornas, polcas e outros cantares, e na adversidade climática: “[...] as secas do Ceará são as nossas estiagens,/ com a mesma intensidade de dramas e renúncias”. Porém, o eu-lírico enfatiza uma grande diferença geográfica: “[...] é que os seus retirantes/ têm léguas sem conta par fugir dos flagelos,/ ao passo que aqui nem chega a haver os que fogem/ porque seria para se afogarem no mar...”. A questão do êxodo rural, provocado pela seca, revela que os limites territoriais e de fertilidade agricultável do arquipélago tolhem a migração dos trabalhadores para outras paradas-ilhas, pois ao contrário do Brasil, que tem outros espaços adequados a uma agricultura sustentável, mesmo que de subsistência, as áreas e bolsões de pobreza dos ilhéus, submetidos à ação implacável do vento Lestada, são muito maiores.

No monólogo-carta-celebração do poeta ao Brasil, ele elenca elementos constituidores da identidade nacional cabo-verdiana, como a “nossa cachaça,/ O grog de cana que é bebida rija”; “os nossos tocadores de violão”; “o nosso café da ilha do Fogo” que “é melhor do que o seu”, com toque de orgulho ingênuo e simples. Aproveita para falar de seu desejo profundo: “ver de perto as coisas/ espantosas que todos me contam/ de Você [...] Eu gostava enfim de o conhecer de mais perto/ e você veria como é que eu sou bom camarada”.

De sonhos de assistir os “sambas no morro”; de conhecer uma cidadezinha do interior que “Ribeiro Couto descobriu num dia de muita ternura”; de participar de festejos na terça-feira de carnaval; de dançar maxixe com uma cabocla no sertão, o poeta revela o seu sonho em conversar com dois colegas literatos: Manuel Bandeira e Jorge de Lima. Este, médico, ao qual queria fazer uma consulta a respeito de seu fígado enfermo, no aguardo de uma receita poética. Nessa última estrofe, o sujeito-lírico expressa seu fascínio pela fala brasileira, antes de concluir a concretização real de uma viagem ao Brasil:

Havia de falar como Você  
Com um i no si  
- “si faz favor -  
de trocar sempre os pronomes para antes dos verbo  
-“mi dá um cigarro!”. (BARBOSA, *on-line*, s.d.).

## CONCLUSÃO

A respeito de Jorge Barbosa, a pesquisadora Elsa Rodrigues dos Santos escreveu que ele nunca teve a “pretensão de ser culto”, no entanto era: “no

sentido de apreensão do conhecimento do mundo e na capacidade de indagar. Nessa ânsia pelo desconhecido sonhou muitas viagens, sobretudo para o Brasil, que nunca realizou”. (SANTOS, 1989, p. 28).

A viagem imaginária do poeta cabo-verdiano pelo Brasil - através das cidades/ estados descritos pelos escritores do Modernismo – o Rio de Janeiro de Manuel Bandeira; a São Paulo de Mário de Andrade e de Ribeiro Couto; o Pernambuco de Manuel Bandeira e de José Lins do Rego, que também imortalizou a Paraíba, o Ceará de Rachel de Queirós, e o Brasil negro de Jorge de Lima; pelos ritmos nacionais, alguns de seiva africana (sambas, batucadas, cateretês, maxixes); pelo hibridismo religioso afro-católico-, culmina com o desejo do Poeta em falar, no idioma português-brasileiro, com Bandeira e Lima e celebrar a fraternidade entre eles e suas pátrias.

O poema **Você, Brasil**, que apresenta o encontro poético entre o “mundão” e as “dez ilhas perdidas no Atlântico”, publicado no ano de 1956, pela voz emocionada de Jorge Barbosa, em uma espécie de poesia declamatória sobre as afinidades solidárias entre o Cabo Verde e o Brasil, reflete uma das etapas do processo colonial, levado à América por meio da via atlântica, e que apesar das nódoas da escravidão e da opressão, não conseguiu tornar invisível a profícua raiz africana no espaço brasileiro continental - humano e literário.

#### **BIBLIOGRAFIA.**

BARBOSA, Jorge. *Você, Brasil*. Disponível em:

<http://descobrindoaafrica.blogspot.com.br/>. Acesso em: mai. 2012.

CLARIDADE: Revista de Artes e de Letras. Edição fac-símile de celebração dos cinquenta anos da publicação do primeiro número. Org. de Manuel Ferreira. 2. ed. Linda-a-Velha: Editor A.L.A.C.- África, Literatura, Arte, Cultura, 1982.

FERREIRA, Manuel. *Aventura crioula*. 2. ed. Lisboa: Plátano, 1973.

FREYRE, Gilberto. *Aventura e rotina*: Sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de carácter e ação. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

GOMES, Simone Caputo. Cabo Verde e Brasil: Um amor pleno e correspondido. In: \_\_\_\_\_. *Cabo Verde: literatura em chão de cultura*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Praia, CV: Instituto da Biblioteca Nacional do Livro, 2008. p. 111-124.

GUIMARÃES, Wellington R. *As ressonâncias de Manuel Bandeira (e do Modernismo Brasileiro) em Jorge Barbosa*. Dissertação de Mestrado em Letras-Estudos Literários. Faculdade de Letras, UFMG, 2010.

LOPES, Baltazar (Org.). *Antologia da ficção cabo-verdiana contemporânea*. Cabo Verde: Henriquinas, 1960.

OLIVEIRA, Vera Lúcia. Brasil e Cabo Verde: duas margens do mesmo mar. *Navegações*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 84-87, jan./jun. 2010.

SANTOS, Elsa R. *As Máscaras poéticas de Jorge Barbosa e a mundividência cabo-verdiana*. Lisboa: Caminho, 1989.